

MEMORIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA DO PROJECTO PAR.
ARRANJO GERAL DOS JARDINS DO PALACIO DE CRISTAL.



Tendo sido pedido pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais um plano do arranjo de jardins do Palácio de Cristal, provavelmente no propósito de saber como seria feita a concordância entre o novo edificio e o actual traçado de jardins, elaborou-se nessa conformidade o presente estudo, ou talvez com mais propriedade o presente conjunto de sugestões, baseado nas seguintes premissas.

- 1ª. - Unidade de espirito entre os jardins circundantes do novo edificio do Palácio de Cristal e a arquitectura deste;
- 2ª. - Integração no parque da nova parcela de terreno a ponto, compreendida entre os limites actuais e a Rua de Entre Quintas (a anexar oportunamente);
- 3ª. - Conquista de terreno plano para construção de pavilhões de exposição e valorização geral do recinto;
- 4ª. - Abertura da nova rua, ligando a rua da Restauração com a rua de D. Manuel II,
- 5ª. - Clareza de circulação para automóveis e peões dentro do parque;
- 6ª. - Cuidar a todas as premissas, o objectivo fundamental de poupar o corte de árvores tanto quanto possível.

1ª. - UNIDADE DE ESPIRITO.

Há uma alteração importante nos jardins de entrada e dos contíguos ao edificio, paralelamente à Avenida das Filhas; A única alteração notória em todo o conjunto do recinto; Nem podia evitar-se que assim acontecesse. Embora se tenha procurado implantar o novo palácio no mesmo local do de hoje, a verdade é que nem as suas dimensões são as mesmas, nem o é também a expressão architectonica. Por uma coisa e por outra haveria fatalmente que mexer no traçado dos jardins que o envolvem. E, porque assim é, se fez já incluir no projecto do edificio o arranjo de jardins de entrada e da Avenida das Ti-

lias. A colocação de um grande espelho de água na frente do novo edifício dará com certeza maior realce e monumentalidade a sóbria harmonia das suas linhas e das suas formas, ao mesmo tempo que orienta o trânsito para o "hall" aberto destinado à recepção e para as galerias exteriores da nave.

Pensou-se que em dias festivos o edifício ganharia em grandeza e espectacularidade fazendo-o surgir por detrás de uma variada cortina de jogos de água e luz. E certo não se dispõe aqui do espaço que, como "truc" é costume utilizar nos ambientes monumentais para preparação psicológica do espectador, a fonte luminosa seria a solução, que rapidamente levaria o espírito das pessoas a integrar-se num novo e diferente ambiente - o da festa e poesia. A fonte para os dias de grande gala e espectáculo; o lago para a fulgurância de cor, a imaterialidade das imagens, a frescura dum lugar para repouso. Um e outro completando-se e caracterizando um ambiente.

Percorre o lago a fachada de les a les. Por isso se tornou inevitável a modificação de todo o actual jardim fronteiriço ao edifício. Mas, ainda que tal lago não existisse, por certo o bom senso dir-nos-ia que à nova arquitectura da grande construção palaciana devia corresponder um novo traçado de jardins, fundindo numa unidade de composição a paisagem e a plástica arquitectural. O traçado romântico do jardim actual certamente não se harmonisaria bem com a expressão moderna, simples do edifício que se projectou.

No arranjo contíguo à fachada lateral pouco tiveram-se presentes as mesmas razões e mais a preocupação de conseguir um maior alargamento à Avenida das Vilas, de dar entrada às caves e anexos do edifício, de descobrir a fachada lateral do Centro Gil Vicente e de encontrar uma solução desafogada para o acesso da piscina. Aqui se joga com o relevo natural do terreno, as "passarellas" e logradouros de cimento arando em "porte à faux", à procura da variedade, graça e singeleza das soluções próprias de ajardinamentos. De sabor moderno, como convinha à arquitectura da construção, este traçado oferece, no entanto, um aspecto



diferente do jardim de entrada porque nele se teve de atender em maior conta às diferenças de nível do terreno, à posição das árvores e à utilização corrente do espaço.

22.- INCORPORAÇÃO DE NOVA ÁREA

Na integração duma nova parcela de terreno a ponte de cerca de 4 hectares que fará estender os limites do Palácio até à Rua de Entre Quintas a solução consiste em pouco mais do que continuar a arborização e corrigir a acentuada inclinação do terreno pela repetição dos patamares actualmente existentes.

Tem o parque do Palácio de Cristal um plano principal que se define a norte pelo jardim de entrada, a nascente pela esplanada do Monumento ao Esforço Colonizador, a sul pelo lago e a poente pela Avenida das Tilias. No centro o imponente edifício. Fora deste plano o terreno desce e até à Rua da Restauração num salto quasi vertical de cerca de 40.00 mts. e numa pendente média de cerca de 35 % até à Rua de Entre Quintas.

A escarpa da Restauração é uma densa mancha de arvoredo cor-pulento, entremada por difíceis mas pitorescos pequenos caminhos. Pouco haveria aqui que valorizar e a solução actual parece-nos até a accitável.

Na pendente para Entre Quintas o desnível é menos brusco e o ajardinamento está feito pela sucessão de patamares, ligados por rampas, escadas ou caminhos perfeitamente acessíveis. Continúa-los através a nova parcela foi a solução que se nos afigurou mais lógica e fácil. Alguns taludes naturais passariam a muros de suporte e a cascos susceptíveis de utilização fazendo para isso conveniente ligação de pequenas parcelas; noutros lados o talude desenvolver-se-ia explorando-o até como motivo do parque.

23.- TERCEIRO PLANO PARA PAVILHÃO E VALORIZAÇÃO GERAL DOS JARDINS

Apresentam-se como sugestões para aumentar o valor e aproveitamento do parque as seguintes construções definitivas: um auditorium, uma piscina de ar livre e uma estufa de plantas, na nova faixa de terreno, e uma casa de chá no topo sul da Avenida das Tilias.





O auditório ajustar-se-ia no terreno de perfil apropriado com ligeiras correções. A bancada de granito, com capacidade para cerca de 2.000 espectadores, voltada à magnífica paisagem da Foz de Douro, sairia das demolições do actual Palácio de Cristal. Pouco mais do que o eixo de obra seria necessária a esta esplêndida realiação. O eixo do anfiteatro no euficiente da entrada da Rua da Restauração. De cima, da Avenida das Tílias, um efeito surpreendente. Densa arborização em volta do palco, não tapando a paisagem distante, mas tapando o feio casario de plano próximo, serviria de protecção dos ventos e de cortina sonora.

Foi o auditorium projectado em condições de poder funcionar como unidade completamente independente do resto do parque. Duas entradas, à esquerda e à direita da construção, se preveem para tal fim na nova artéria que há-de ligar a Rua da Restauração com a Rua D. Manuel II. Contudo não é propriamente o auditorium que determina a criação destas entradas. Mas são particularmente necessárias ao funcionamento da Grande Exposição Industrial e outras exposições futuras não só para dar rápido esvaziamento ao imenso canal de público de certas horas, como também para desocongestionar o movimento de bilheteiras facilitando o acesso dos visitantes que se sirvam da nova artéria como parque de estacionamento de automóveis. Ainda a eventual conveniência de fazer funcionar o Luna Park independentemente do parque aconselha a prever estas entradas.

Uma outra construção - a piscina ao ar livre - está indicada no plano de ajardinamentos. Como sugestão para aproveitamento da casa do Rei Carlos Alberto e dos jardins - uma vez que estes perdem completamente o seu actual interesse pela paisagem a meio da nova artéria publica - propõe-se a realiação no terreno disponível de uma piscina aberta para o prazer da nataçõ, não para competições, e a adaptação da casa a fins correlativos. A construção deveria conservar a sua característica architectónica podendo servir a sala de leitura, de fumo, de bar, etc..

Os vestiários, não podendo situar-se nesta construção, seriam construídos debaixo dos patamares circundantes. A posição desta piscina tratada à maneira de piscina de parque, com logradouros em redor e frondosa vegetação, parece excelente. Afastada das zonas buliçosas do parque e acessível pela nova rua, ela daria aos frequentadores a intimidade e o sossego que a uma tal construção convém. Seria ainda de realiação económica se considerarmos o aproveitamento que seria possível fazer dos materiais das demolições.

A estufa e um pequeno trecho de jardim romântico completariam o ambiente deste conjunto.

Não pode o parque do Palácio de Cristal dispensar a existência de uma estufa. Tem-na hoje no corpo do actual edificio. Justamente com elementos de interesse architectónico saídos deste edificio se construiria a nova estufa, muito maior em área, individualizada. Ela constituiria ainda uma espécie de monumento votivo aos fundadores illustres do Palácio de Cristal porque seria inteiramente levantada com os melhores materiais e mais ricos detalhes architectónicos do velho edificio.

Uma outra construção de caracter definitivo que se propõe neste estudo é a casa de chá a situar no topo sul da Avenida das Ilhas. Seria uma pequenina construção, gentil, muito aberta, mergulhada na folhagem cerrada de árvores. Através a silhueta escura dos ramos e dos troncos uma paisagem maravilhosa: o Douro, Vila Nova de Gaia e o Oceano. Uma "passerelle" ligá-la-ia com uma altíssima torre, erguida em plena encosta e donde a paisagem seria aparente em toda a plenitude. Não se entenderia um parque sem casa de chá e o local escolhido parece o indicado. Esta modesta obra seria um complemento necessário ao parque.

Temos vindo a falar das mais salientes sugestões com caracter de construção que constam do projecto para arranjo geral dos jardins do Palácio de Cristal. Acresce do jardim infantil apenas se esboça que, salvo melhor opinião, ele poderia con-



tinuar no local onde agora existe.

É para rematar este capítulo de sugestões diremos ainda que algumas grutas, pequenos lagos, rampas, maciços de plantas poliorâmicas, estatuetas, glorietas, etc., não possíveis de indicar numa planta à escala de 1:500, deveriam completar e enriquecer o ambiente do unico parque público da cidade de Porto, tão belo pelo deslumbramento de paisagem, como pela imponentia da sua vegetação e pela frescura e gentileza do seu ambiente; tão belo, afinal tão pobre de motivos que, sem destruir o carácter da natureza como Camillo Sitte recomendava, o tornem mais atractivo e popular.

Convém agora referir á regularização de certos alinhamentos, com vista a um maior aproveitamento do terreno plano para a colocação de pavilhões de exposição. Como é certo e está demonstrado que os melhores lugares para este fim são os que se encontram no plano de nível que serve de plataforma ao edificio do Palácio de Cristal projecta-se, como obra destacada um novo alinhamento para o extremo poente deste plano, paralelamente á Avenida da Vilas. Parte do muro de suporte que limita a poente o jardim infantil daria esse alinhamento; e saindo dele para norte e para sul, aterrando com terras provenientes das escavações e construindo muros com pedra sobrando das descliações - pouco mais do que a de obra - obter-se-ia uma faixa de terreno de 40,00 m de largura por 225,00 m de comprimento. Cêrca de 9.000 m² de terreno com ligeira arborização ficariam ao nosso dispor para alinhamento dos principais pavilhões de quaisquer exposições ou feiras. É a sabido que ou para a Exposição Industrial ou para outras exposições futuras sempre haverá necessidade de grandes espaços livres e planos.

Obra fácil e pouco dispendiosa como se disse, ela resolveria um importante problema a todos os organizadores das grandes certames nacionais e internacionais, permitindo a construção em esplanada de grandes pavilhões que agrupados revestiriam de imponentia as suas iniciativas. Aliás grande parte dessa obra está feita, não passando o que se projecta de uma simples regularização de alinhamentos.

Far-se-ia a ponte e que afinal existe a nascente e estas duas amplas faixas de terreno seriam sem dúvida um valioso recurso posto ao serviço de quem as precisasse utilizar. Olhando a planta geral ver-se-a que estas observações são verdadeiras e ver-se-á também que além de espaço útil para exposições ele é necessário à própria implantação do novo edifício do Palácio de Cristal. Por ventura será de lamentar que não exista uma plataforma ainda maior a servir de base à nova grande construção.

Outras regularizações estão previstas, mas estas de menor importância e situadas na encosta até à Rua de Entre Quintas. Com a pedra das demolições - há-de sobrar a necessária - e a terra das escavações - cerca de 25.000 m³ - será possível transformar em patamares largos algumas áreas que hoje não têm fáceis condições de utilização.

Uma outra faixa de terreno que virá a fazer parte do recinto é aquela que fica no extremo da encosta a ponte e na planta vai designada com a indicação de LUNA PARK. Terreno difícil, mas no entanto susceptível de ser integrado no parque, como susceptível é de vir a ser utilizado para a construção de residências particulares, deu-se-lhe, para efeito da Exposição Industrial, o destino de reservado a Luna Park. É era natural que o fizessemos. Em primeiro porque os bons lugares do recinto geral serão ocupados pelos pavilhões, em segundo porque, mesmo sendo mau o lugar, quasi há a certeza de que o público ali acorrerá e ou não se chamassen os divertimentos "atracções". Pode até afirmar-se que a situação do Luna Park obedece a um fim estratégico. É o caso de procurar-se forçar o publico a visitar os pavilhões que virão a estabelecer-se pela encosta abaixo, nos sucessivos patamares, servindo-nos dos divertimentos, lá no fundo, como miragem. Todos quererão visitar o Luna Park, esteja onde estiver, e de passagem provavelmente visitarão os pavilhões. Outra concepção a vieta aos pavilhões da encosta seria muito problemática. Alide as condições de acesso são fáceis, podendo-se até, se nisso houver conveniência, tornar independentes. Também não se poderá dizer que a solução proposta sacrifica uma área grande nos





interesses passageiros da Exposição, porquanto é bem claro que o aproveitamento definitivo a dar á referida faixa não fica prejudicado por servir a Luna Park durante alguns meses. Nem esse aproveitamento, por engenhoso que seja, poderá vir a modificar de maneira sensível a concepção geral do arranjo dos jardins do Palácio de Cristal.

Pelo exposto se pode avaliar do conjunto de ideias que constituem o plano de valorização de jardins e conquista de espaço, referido na 3ª. premissa do presente estudo.

4ª. - ABERTURA DUMA NOVA ARTERIA

Ligado aos problemas próprios duma exposição ou grandes festivais populares estão assuntos de transito automóvel, acessos e saídas dos visitantes, bilheteiras, parques de estacionamento, etc. Inúmeras vezes se tem verificado quanto são deficientes nestes aspectos as actuais condições de funcionamento do Palácio de Cristal. E é natural que assim seja se atendermos a que dezenas de milhares de pessoas que ás vezes se concentram no Palácio têm de servir-se apenas da Rua de D. Manuel II como acesso. Consequentemente os espaços possíveis de utilizar para estacionamento de carros que existem nas proximidades do Palácio não são todos aproveitados. Toda a gente quer arrumar os automóveis próximo das entradas e por isso ficam congestionadas as Ruas de D. Manuel II e Julio Diniz, com grave prejuizo para o trânsito em geral.

Mas como poderia ser de outra maneira? Na confrontação sul os acessos são impossíveis - é a Rua da Restauração. Na confrontação poente não há possibilidade de acesso - são terrenos particulares. Na confrontação nascente é a Rua Nova do Palácio e a unica entrada que aqui existe nunca está franqueada ao publico.

Fica portanto a confrontação Norte, a rua de D. Manuel II, por onde se faz sempre todo o movimento de entrada e



saída.

Pode esta solução aplicar-se ao caso da Grande Exposição Industrial, cujo número provável de visitantes se estima em 2 milhões ?

Certamente não. Todos os espaços das proximidades susceptíveis de utilizar como parques de automóveis devem ser mobilizados. É o caso da Alameda de Massarelos, da Rua D. Pedro V e de toda a Rua da Restauração, como principais. E devem ainda abrir-se acessos ao Palácio por poente e por nascente.

Por nascente basta franquear aquela que hoje existe e que no projecto se desloca um pouco para o sul, colocando-a defronte à residência do Director. Por poente abrir-se-á uma nova artéria que fará a ligação entre a rua da Restauração e D. Manuel II com cerca de 12,00 mts de largura e um desenvolvimento aproximado de 450,00 mts. Atravessa esta nova via terrenos particulares, que terão de ser expropriados, tendo sido já o respectivo projecto, oportunamente elaborado pela Câmara do Porto e concedida, salve-se o erro, a necessária participação do Estado para a sua abertura.

Todo o novo arruamento funcionará êle proprio como um óptimo parque de estacionamento de automóveis e facilitando além disso a solução do movimento do público, para dentro e fora do recinto em dias ~~excepcionais~~ de afluencia.

Não pode deixar-se de reconhecer que as condições de funcionamento e mobilisação de todas as áreas das proximidades são altamente melhoradas com a abertura desta nova rua.

5ª. - CIRCULAÇÃO.

Supõe-se que facultando aos automóveis a possibilidade de em dias normais circular dentro do parque municipal se introduz nêle um apreciável melhoramento. Não se pretende prejudicar o sossego de quem procura nos jardins do Palácio um lugar de repouso e meditação. Essa propriedade deve ser defendida a tódo o custo.



O que se pensa é que as duas coisas podem coexistir sem se chocar. No projecto prevê-se o prolongamento para sul a ponte da estrada para carros que hoje serve desde a Rua D. Manuel II, por todo o nascente, a casa do Director. Mediante o alargamento de um arruamento que está aberto a meia encosta paralelamente à Rua da Restauração e liga a ponte com o caminho que delimita as actuais fronteiras do recinto, far-se-ia uma admirável VIA RÁPIDA, susceptível de transito automovel. Com entrada na actual entrada da Rua de D. Manuel II, junto à rua Nova do Palácio, esta via faria a cintura de todo o recinto, debruçando-se sobre a Restauração, passando por debaixo da "passarelle" da Casa de Chá, onde voltava para ponte, seguia sobre o auditorium, para norte, a desceharia e entre folhagem até sair novamente para D. Manuel II, em extremo oposto ao da entrada. Um percurso de cerca de um Kilómetro, cujo interesse e beleza se torna desnecessário salientar. Junto à casa do Director esta via entraria em ligação com a Rua Nova do Palácio por arruamento existente. Teríamos assim a unica passagem automovel capaz de brigar com a tranquillidade e despreocupação de quem passeasse o jardim.

Mas, justamente no propósito de diminuir esse antagonismo se projectou ou se lançou a meia encosta, procurando deixar livre todo o grande plano superior, onde afinal é maior o movimento de publico dominusiro. Aliás neste caso por força seria cautelosa e lenta a marcha dos automoveis.

Uma outra circulação volante se faria, mas esta sem contrariar coisa alguma. Seria a entrada dos automoveis no "hall" de recepção aberto debaixo do edificio. Circulação curta, não passando do âmbito do jardim de entrada, ela era indispensavel para os dias de gala e festivais selectos, tendo até esta ideia, este por menor aparentemente pequeno, de certa maneira influido na concepção geral do próprio edificio.

Sobre a circulação de peões dir-se-á apenas que nada mais se deve fazer do que continuar através os nove terrenos aquella modo de circular que hoje existe; por rampas, escadas, pontões, caminhos largos e estreitos caminhos, soluções tão próprias de parques,

tão económicos e que afinal tanta graça às vezes contem.

Não haverá labirintos. Os caminhos succedem-se de maneira clara, as descidas serão vencidas por rampas ou escadas, simplifica-se certos treçados de cantileiros.

Qualquer das construções disseminadas pelos jardins tem, se olharmos para o plano, as suas comunicações fáceis e acessíveis.

Outra coisa não seria de admitir.

54. - CORTES DE ARVORES.

Quer o edificio do Palácio de Cristal, quer os arruamentos e outras construções foram delinheadas sobre uma topographica à escala de 1:250 onde todas as arvores do recinto do Palácio e dos terrenos a expropriar estavam assinaladas com precisão. Fez-se para tal um levantamento preceituado. Isto pretende dizer que o cuidado em poupar ao máximo as árvores existentes mereceu neste plano de ajardinamentos e no projecto do novo edificio uma atenção muito especial. Vai a preocupação de extremo de conservar em seu lugar todas as arvores do jardim de entrada, independentemente do novo traçado de arruamentos e da forma que se quis dar ao lago.

Deixam-se no lago e no meio da rua algumas belas arvores. Mas que mal pode causar ao efeito que se procura obter com o lago a presença de umas tantas arvores em plena água, ou que estorvo grave pode representar para a circulação de peões a presença de um tronco poderoso a meio de um arruamento? O facto é apenas um tanto insólito, nada mais. Mas antes isso do que despir de pujante vegetação uma entrada que carrega dessa grandessa ou arriscarmos a perder magníficos exemplares da nossa flora com problemáticas translações.

Este exagério, se o é, serve ainda para justificar aquelles poucos cortes que se tornaram inevitáveis. Também não seria razoável que tudo fosse sacrificado ao muito respeito que temos pelas árvores. É o caso, por exemplo, do corpo da construção do novo edificio onde ficam situados o restaurante, o teatro Gil Vicente e a piscina coberta. Algumas árvores, as que se encontram paralelamente a esta fachada, terão de ser transladadas, tentando-



evitar assim o seu sacrificio.

Evidentemente não podiamos comprimir o programa da construção, destinada simultaneamente a tantas finalidades e todas elas resolvidas no minimo espaço possível, nem podiamos deixar de escalonar os valores pela sua justa hierarquia ... Um bom trecho de Arquitectura vale alguma coisa mais do que alguns exemplares de árvores vulgares. Neste caso, de árvores vulgares é que se trata...

Uma coisa é certa: não se fizeram destruições desnecessárias. Antes ao contrario . Procurou-se achar a melhor solução para todos os problemas com bom senso, amovendo as coisas do espirito e o respeito pela obra dos nossos antecessores.

Orald e trabalhos conseguidos. No caso das árvores como nos outros.

Associação Industrial Portuense
5500 PORTUGAL
CINCO ESCUDOS

Porto, 23 de Março de 1942



ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE
FUNDADA EM 1942
PORTO

FORUM
EMPRESA TECNICA DE
CONSTRUCOES CIVIS Lda
AV. DOS LINDOS 10 - PORTO

António Luís